

O conservadorismo norte-americano: origens, fundamentos e principais expoitores

Carina Rafaela de Godoi Felini ¹

Resumo

Ao problematizar o conservadorismo norte-americano se faz mister levantar questionamentos acerca de quais são seus principais pressupostos e seus maiores expoitores, compreendendo, desta forma, suas raízes históricas e suas influências ideológicas. A defesa de pretensões anti-modernas consiste em uma das pautas mais caras aos conservadores estadunidenses, dentre os quais destacamos os trabalhos de Richard Weaver, William Buckley, Robert Nisbet e Russell Kirk. Assim sendo, escolhemos o método de análise qualitativa, o qual, quando aplicado em nossa temática, permite-nos obter resultados concretos os quais sejam suficientes para alcançar nosso objetivo. Para tanto, devemos colocar em primeira mão nosso objeto de análise como forma de termos uma aproximação mais real dele. O formato do trabalho procurará, de forma simples, exemplificar quais são as pedras fundamentais do movimento conservador, o que o fez ser, em seu nascimento nos Estados Unidos, um modelo político cujas raízes sustentam-se até hoje.

Palavras-chave: Conservadorismo; Estados Unidos, Ideologia.

Introdução

Para realizarmos o estudo do conservadorismo norte-americano se faz necessário apontar quais são os pilares sobre os quais o movimento político se assenta. Para tanto, nossa pretensão constitui levantar suas principais temáticas, seus pressupostos, seu surgimento e origem, seus fundadores e, por final, realizarmos um breve levantamento acerca da relação entre o conceito de ideologia e o de conservadorismo.

Os conservadores norte-americanos que destacaremos neste artigo são Richard Weaver, William Buckley, Robert Nisbet e Russell Kirk. Estes pensadores abarcam o conceito de conservadorismo cada qual a sua forma, porém se igualam ao afirmar que uma das pedras fundamentais do movimento é justamente a oposição a mudanças que desqualifiquem as instituições históricas estadunidenses. Ao mesmo tempo eles também entram em acordo no que diz respeito à volta das tradições, o olhar para o passado e a questão da moralidade em seu país.

Portanto, a metodologia será o da análise qualitativa, almejando resultados concretos suficientes para nossa pretensão de lançar mais luz acerca do conservadorismo estadunidense.

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul na linha de pesquisa Organização e Sociedade. Bolsista. Email: ninafelini@hotmail.com.

Tal modelo político é alvo de destaque ainda hoje, portanto, o estudo de sua origem se mostra essencial. Desta forma, o conservadorismo aponta para o fato de grandes repercussões nos Estados Unidos nos dias atuais uma vez que a bandeira ultra-conservadora tem ganhado cada vez mais espaço e participantes ativos.

Movimentos políticos como o Tea Party, por exemplo, representam desde 2009 um dos modelos mais conservadores em vigor em Washington. Tal movimento transmutou-se, inclusive, em uma grande ala dentro do Partido Republicano, aonde encontra chão em comum com tais republicanos. Assim sendo, a política conservadora do século XX nos Estados Unidos ainda é alvo de diversas discussões, as quais, pela brevidade deste trabalho, não poderemos cobrir em sua totalidade. Frisamos novamente que o conservadorismo em suas raízes estadunidenses ainda produz material rico para pesquisas futuras.

Conservadorismo: nascimento do termo em Edmund Burke

O termo “conservadorismo” nos liga à ideia de conservar, de deixar intacto e, ao mesmo tempo, de manter longe o que é novo, mantendo a ordem instituída. Na seara política o conservadorismo segue o mesmo padrão, porém conectado ao conceito de uma crença na manutenção de ordem previamente instituída.

Muitos consideram o político inglês Edmund Burke (1729-1797) o fundador do movimento conservador, sendo ele comumente reconhecido assim devido a seus postulados fundamentais que deram origem aos diversos movimentos conservadores ao redor do mundo. Burke é autor da obra “*Reflexões sobre a Revolução Francesa*” publicada em 1790 e que expressava a opinião de Burke acerca da qual a racionalidade humana ficava para trás no que tange ao desenvolvimento da sociedade, uma vez que, em sua opinião, seriam os sentimentos e hábitos do homem que fariam este papel. Ademais, o termo conservadorismo serve para denotar o pensamento do intelectual, não em uma oposição da mudança, mas sim da mudança em favor do bem que já existe.

O conservadorismo de Burke claramente se opunha ao Iluminismo e a qualquer teoria revolucionária ou progressista, ou seja, opunha-se aos postulados básicos da Revolução Francesa. Russel Kirk esclarece que “contra uma doutrina armada, uma revolução de ideias morais conduzida com violência, Burke lutou com todo seu poder. Sua determinação era renovar “o arcabouço de uma imaginação moral”. Paixões uma vez libertadas, benevolência

abstrata e posturas iluminadas não eram suficientes para manter o homem longe da anarquia” (KIRK, 2011).

Burke assinalou sua crítica à Revolução Francesa através de uma oposição ao racionalismo científico, ao individualismo e aos valores liberais, os quais, para o autor, deslocavam para um segundo patamar de importância as tradições e os costumes. Tal racionalismo, acreditava, parecia não encontrar lugar nas práticas políticas à época, o que o incitava também a crer que a sociedade havia se organizado de forma por demais complexa para permitir que somente uma aplicação da racionalidade científica passasse a valer. Em seu escrito “*Thoughts on French Affairs*” (1791), Burke assinala a necessidade da luta dos conservadores contra a Revolução Francesa, contra seus princípios de individualidade e racionalidade humana. Kirk entende que:

Burke não sugere que talvez os campeões da religião e das coisas estabelecidas devem deixar-se serem varridos pela corrente da Revolução Francesa. Ao contrário, ele diz que a oposição efetiva à Revolução deve ser o trabalho de muitas pessoas, agindo inteligentemente e em conjunto; ele professa sua inabilidade, como um velho político aposentado do Parlamento e afastado de seu partido, de fazer algo além de declarar o mal. A “poderosa corrente” pela qual ele anseia é um despertar dos homens com “poder, sabedoria e informação” para o perigo da Revolução; ele pede por um levante da opinião pública em apoio a coisas que não nasceram ontem. (KIRK, 2011)

De maneira geral, Burke defendia a limitação da racionalidade humana, defendendo a ideia de que a humanidade deveria retornar aos exemplos de seus antepassados, uma vez que seguir as tradições compreendia um ato de bom senso. Ademais, uma característica primordial do conservadorismo é em possuir uma postura histórica em favor do passado, colocando fé na própria História, crendo que é justamente neste passado que existiriam exemplos bons para a sociedade.

Assim sendo, o conservadorismo não deixa de ser uma corrente político-filosófica que defende a tradição das instituições e sua evolução ao longo do tempo. Segundo Teixeira (2007), a “fé na história” coloca os conservadores como anti-modernos ou anti-progressistas, resistentes ao voluntarismo. Importante notarmos também que os conservadores se caracterizavam também por sua crença nos perigos do individualismo. Tal movimento adotava uma postura resistente em relação ao que diz respeito somente ao indivíduo. Assim, o conservadorismo pregava a rejeição do individualismo e o universalismo como sendo algo natural.

Ideologia e conservadorismo

Comumente se faz uso do termo “ideologia” de forma leviana, portanto, para não cairmos em uma crítica rasteira é importante mostrar o que entendemos por ideologia e de que forma tal se relaciona com o movimento conservador estadunidense. Este último, conforme exposto, caracteriza-se principalmente por sua forte oposição à mudança e inovações, ambas especialmente, quando frutos de revolução. Assim sendo, Sartori nos fornece uma visão de que a ideologia é um conceito demasiadamente fácil de generalização e, portanto, demasiadamente obscura devido aos diversos tratamentos que teve o termo:

The word ideology points to a black box. (...) ideology “signifies at the same time truth and error, universality and particularity, wisdom and ignorance.” Likewise, for the political scientist the term ideology points to a cluster concept, i.e., belongs to the concepts that bracket a variety of complex phenomena about which one tries to generalize; and the growing popularity of the term has been matched, if anything, by its growing obscurity. (SARTORI, 1967, p. 398)

Como forma de problematizarmos tal conceito, achamos por bem partir das ideias de Karl Marx acerca de ideologia em seu livro “*A ideologia alemã*” (1932). O autor foi um dos pioneiros a caracterizar o termo ao constatar que a ideologia, para si mesmo, partia da experiência que ele vivia em sua própria realidade. Marx formulou um conceito negativo de ideologia ao afirmar que apenas os detentores dos meios de produção ditavam a ideologia da época. As ideias, ou ideologias, estavam substancialmente baseadas no conceito de dominação de classe aonde as classes proletárias não tinham como formular ideias próprias para melhorar sua situação. Tendo a materialidade como conceito norteador, Marx entendia que as ideias são materiais também, surgindo da realidade de embate e desigualdade entre as classes sociais.

Portanto, a teoria desvinculada da ação, no sentido de mudança social, não bastaria. Seria preciso mudar as condições materiais da sociedade. A partir desta constatação Marx entende que a ideologia por si só não basta, pois está direcionada à ideologia da classe dominante. Ademais, ele não se via como ideólogo, mas sim como promotor de mudança das condições materiais, que, considerava, eram as causadoras de desigualdade.

Por conseguinte, se trabalharmos com as ideias de Kathleen Knight (2006) acerca de ideologia perceberemos que a autora pensa na aplicação do conceito como uma metodologia para compreensão de fenômenos políticos. Para ela, existe certa estabilidade temporal do conceito em seu uso no ramo da Ciência Política, o que resultaria em uma falta de necessidade de revisões do termo a cada evolução política. Ademais, Knight também verifica um esforço em desmistificar a ideia negativa associada à ideologia, proveniente de Marx.

Desta forma, a autora enxerga uma convergência espacial no conceito de ideologia, uma vez que o debate acerca da existência de um único conceito fracassou, dividindo os cientistas políticos que discutiam a perspectiva na disciplina. Portanto, mesmo tendo nascido o conceito a partir de algo negativo, passando por uma transformação devido aos fenômenos do século XX, o que prevaleceu foi uma convergência que tornou espacial o conceito.

Em *“The Nature of Belief Systems in Mass Publics”* (1964), Philip Converse procura mostrar que seu entendimento de ideologia converge com Marx na medida em que Converse percebe a ideologia como sendo dominada por parte da elite. Porém esta última não garante que todas as pessoas vão concordar com seu sistema de crenças, o que faz com que ideologia tenha um significado mais aberto para o autor, podendo ser modificada.

A partir desta sucinta conceituação sobre o fenômeno “ideologia”, partiremos para um debate sobre como esta se relaciona com o movimento conservador. Neste caso, é primordial fazer uso do estudo seminal de Samuel Huntington: *“Conservatism as an Ideology”*. O autor se propôs a explicar o conservadorismo enquanto ideologia, procurando criar mais debate sobre o relacionamento entre ambos os conceitos.

Huntington partiu de uma “teoria situacional”, na qual ele busca afirmar que o conservadorismo é ele próprio uma ideologia carente de uma situação que o articule e difunda de forma mais abrangente, ou seja, o conservadorismo, enquanto ideologia é uma corrente que se mostra reativa diante dos eventos que o impulsionem. “A ideologia conservadora possui, aqui, uma natureza essencialmente reativa (...) emergindo em momentos de particular dramatismo e ameaça para as instituições que sobreviveram aos “testes do tempo”.” (COUTINHO, 2013).

Assim sendo, percebemos que a ideologia situacional de Huntington tem serventia no que tange o conservadorismo surgido na medida em que as situações – sejam elas eleitorais, econômicas e sociais – o confrontem. O autor entende também que esta forma de pensarmos

em uma ideologia situacional e reativa é a que mais se aproximaria dos estudos de Burke, pioneiro na conceituação de conservadorismo moderno.

Desta feita, entendemos que o conservadorismo se caracteriza através de uma ideologia que se afirma e reage às mudanças temporais e estruturais nas quais ele se expõe. A visão negativa acerca de ideologia de Marx nos parece limitada na medida em que somente enxerga a ideologia da classe dominante como sendo uma ideologia verdadeira. Tal visão não dá conta de que a ideologia, conservadora, por exemplo, representa mais do que uma elite, mas sim aqueles que possuem visões compartilhadas e que reagem às mudanças, mas que não fazem parte somente de uma classe cujo ideário domina os demais.

Teóricos conservadores norte-americanos

O movimento conservador nos Estados Unidos, que pode ser considerado relativamente recente uma vez que ganhou espaço na década de 1950 a 1970, será nosso objeto de estudo a partir de agora. Tal movimento conservador se estruturou principalmente através das obras de Richard Weaver, William Buckley, Robert Nisbet e Russell Kirk. O conservadorismo, para eles, consistiria principalmente em um apelo à tradição e o posicionamento da família acima de tudo, sendo a moralidade cristã e a autoridade, considerados essenciais (VIDAL, 2013). Ou seja, o conservadorismo nos Estados Unidos baseava-se muito na questão moral e religiosa como pilares vitais para a “saúde” da sociedade norte-americana.

Tendo surgido em meio a Guerra Fria, o conservadorismo defendido por estes autores tinha em comum a rivalidade com o comunismo. “Efetivamente, o comunismo refletia o contrário de todos os valores tidos como sagrados pelos conservadores: liberdade, religião, hierarquia, diversidade e governo mínimo.” (VIDAL, 2013, p. 25). No plano econômico, eles desacreditavam do modelo do *Welfare State*² e do *Keynesianismo*³, ao mesmo tempo em que,

² Segundo Sping-Andersen, o *Welfare State* pode ser definido como um modelo que “envolve responsabilidade estatal no sentido de garantir o bem-estar básico dos cidadãos”. Além disto, o autor também entende, assim como T. H. Marshall, que “a cidadania social constitui a ideia fundamental de um *Welfare State*. Mas o conceito precisa ser bem especificado. Antes de tudo, deve envolver a garantia de direitos sociais.” (SPING-ANDERSEN, 1991).

³ Termo originário do nome do economista John Maynard Keynes, cuja argumentação seguia no sentido de afirmar uma série de benesses em favor da reinserção do aparato e coação governamental na economia. (HICKS, 2015).

no plano social, estes conservadores acreditavam na retomada da religião cristã e dos valores que consideravam tradicionais ao povo dos EUA, sempre afirmando a ideia de retorno à moralidade religiosamente cristã.

Richard Weaver publicou a obra *“Ideas have consequences”* em 1948, na qual analisou o que acreditava ser a decadência dos valores e princípios da sociedade norte-americana. Apesar da temática já haver sido analisado por outros autores, Weaver procurou destacar que a decadência dos valores morais e religiosos à qual a sociedade estadunidense parecia submetida era algo irremediável. No entanto, apresentava um relativo otimismo no sentido de que este declínio havia sido devido a uma série de escolhas equivocadas tomadas pelos norte-americanos nos últimos séculos, mas que haviam, porém, saídas possíveis para os Estados Unidos, desde que as novas escolhas tivessem base na moralidade e na educação da população. Para Weaver, o problema havia ocorrido no momento no qual a sociedade passou a colocar fé apenas no cientificismo, no racionalismo e no empirismo como forma de guiar sua vida – neste ponto, a moralidade teria passado a entrar em declínio.

Assim como Weaver, William Buckley também imortalizou suas noções acerca do conservadorismo em sua obra denominada *“God and Man at Yale”* (1951). Como pensador conservador norte-americano, Buckley fundou um periódico para a sociedade estadunidense: o *National Review*, em 1955. Ele pensava o conservadorismo como uma espécie de jogo de ideias, o que se configurava muito mais abrangente do que somente pensá-lo como uma plataforma eleitoral. Como nos mostra Martin: “Mr. Buckley’s greatest achievement was making conservatism — not just electoral Republicanism but conservatism as a system of ideas — respectable in liberal post-World War II America.” (MARTIN, 2008). Desta forma, Buckley forneceu um pontapé inicial para o conservadorismo norte-americano que se consolidava à época.

Ademais, para o autor, a sociedade norte-americana deveria retomar, a partir de seu próprio passado, sua crença forte na religião cristã. Buckley via justamente neste campo religioso e social uma forma de “salvar” a sociedade dos EUA, a qual ele acreditava estar desmoralizada. Desta feita, seu objetivo principal girava em torno de uma completa transformação da sociedade estadunidense.

Assim como Buckley, o influente Russell Kirk também defendia a religião para a construção de uma sociedade norte-americana estável. Em sua obra *“The Conservative Mind”* (1953), ele expôs pela primeira vez seu conceito de conservadorismo, problematizando-o e

construindo uma análise histórica e bibliográfica que seguia de perto a obra de Burke. Além disto, Kirk formulou princípios que ele considerava como sendo tipicamente conservadores, passando pela sua crença de que existiria uma prerrogativa divina que controlava a sociedade e a consciência até passar para a exaltação de uma vida em sociedade baseada nas tradições (VIDAL, 2013).

Para Kirk, a humanidade encontrava-se desfeita, de certa forma “doente”, pois ia de encontro a série de princípios expostos por ele. Kirk acreditava na necessidade da sociedade em reestabelecer uma espécie de obra moral, voltando a prudência a ser uma virtude.

A humanidade, de acordo com Kirk, estaria indo contra os princípios conservadores na medida em que busca a igualdade econômica; promove o nivelamento político baseado na proibição de ordem e de privilégios; demonstra desprezo pela tradição e rejeição a religião formal; e mantém uma visão do homem como um ser perfeito, sendo o “evil” um fator externo. (VIDAL, 2013, p. 15)

Por estas e outras Kirk afirmava que o homem seria nada mais do que um ser impulsivo e imperfeito, dando lugar, portanto, a religião como forma de diminuir os impulsos humanos. Kirk bebeu da fonte hobbesiana, na qual o postulado principal é a visão do homem como mau por natureza, sendo necessário um ente superior, ou seja, um formato de governo, para conter os impulsos maldosos naturais dos indivíduos. Desta feita, o trabalho dele foi primordial ao estabelecer e conceituar profundamente o conservadorismo estadunidense, ao passo que a obra de Robert Nisbet “carregou” o movimento até a esfera política norte-americana, em especial, para dentro do partido Republicano. Considerando este como o grande trunfo de Nisbet, é notável também a influência que seus escritos sobre o conservadorismo tiveram sobre Ronald Reagan e, depois, Bush pai e filho.

Sociólogo por formação, Nisbet escreveu considerável material sobre o papel do cientista social, publicando, dentre outras, obras como *“Prejudices: a Philosophical Dictionary”* (1983) e *“Quest for Community”* (1953), nas quais apontava para o fato de que haveria na sociedade uma falta de sentimento de comunidade, da dimensão local na qual os homens convivem. Desta forma, Nisbet partia em defesa da família e dos indivíduos, crendo que estes compartilhariam um sentimento de pertencimento em seus lugares na Igreja e na comunidade, sempre considerando que a liberdade teria espaço somente quando inserida nesta dimensão de convivência.

Apontamentos finais

A partir do exposto entendemos que para realizar um estudo do conservadorismo norte-americano devermos analisar os pilares fundamentais sobre os quais tal movimento está assentado. Procuramos levantar seus principais pressupostos, sua origem e seus fundadores nos Estados Unidos, sendo que, por final, realizamos um breve levantamento acerca da relação do conceito de ideologia com o conservadorismo. Inicialmente, analisamos as origens do conservadorismo estadunidense através dos escritos de Burke, intelectual inglês cujas críticas se dirigiam principalmente à Revolução Francesa. O autor enxergava como negativo o racionalismo científico, o individualismo e os valores liberais defendidos pela revolução, acreditando Burke, que estes haviam retirado a importância das tradições e dos costumes, ou seja, daquilo que ia de acordo com a moralidade e a ordem previamente instituída. Conforme vimos, a característica mais primordial do conservadorismo consiste em exultar o passado, aonde existiriam exemplos bons para a sociedade.

Analisamos a ideologia sob a ótica marxista, mas também sucintamente mostramos qual a relação da ideologia com o conservadorismo, enquanto movimento político, através da obra de Samuel Huntington. Assim sendo inferimos que o conservadorismo se caracteriza através de uma ideologia que é reagente a mudanças temporais e estruturais às quais se encontra exposto. Ademais, a visão negativa acerca de ideologia em Marx vai de encontro a ideia de Huntington na qual afirma que a ideologia, conservadora representa não apenas a elite (ou classe dominante em Marx) mas sim aqueles que possuem visões compartilhadas, mesmo quando integrantes de extratos sociais diversos.

Por fim, analisamos as principais obras de conservadores norte-americanos, dentre eles destacamos Richard Weaver, William Buckley, Robert Nisbet e Russell Kirk. Tais intelectuais encontravam um elo comum em suas afirmações de que uma das pedras fundamentais do conservadorismo seria a oposição a mudanças, especialmente aquelas que, segundo eles, menosprezavam as instituições norte-americanas. Na mesma medida, estes autores também acordavam no que dizia respeito ao retorno do que era considerado tradicional, ou seja, voltando o olhar para o passado.

Nossa escolha pelo método de análise qualitativa constituiu o formato no qual este artigo se apoiou e através do qual cumprimos com nossa pretensão de buscar elucidar a

questão acerca de quais pedras fundamentais o conservadorismo se expressou em suas origens. Assim sendo, notamos que o movimento conservador pode ser analisado sob diversas vertentes, aprofundando seu estudo devido ao destaque que tal movimento possuiu e por seu apelo ainda existente em diversos setores sociais, políticos e culturais nos Estados Unidos.

Tal movimento conservador, desde sua origem, sempre obteve oposição de políticas que buscavam uma maior pro-atividade e crença no futuro. Claramente percebemos que o conservadorismo do século XX nos Estados Unidos não só representou uma série de controvérsias em seu nascimento e formação como também nos parece mostrar seus preceitos pouco populares de racismo e combate à modernidade. Para os conservadores, o mundo é visto pela ótica da exclusão e da manutenção de uma crença política e religiosa cujo intuito é o de permitir e transmitir uma noção de superioridade de seus preceitos.

Creemos que novas problemáticas podem ser abertas a partir deste estudo por nós realizado na medida em que o tema “conservadorismo” é severamente rico devido a suas noções e preceitos bastante exagerados em matéria de preconceito. Parece-nos que estudos futuros que abarquem tal preceito certamente contribuirão para que tal conhecimento e linha de pesquisa possam se expandir de forma a criarmos maiores questionamentos e, principalmente, maior exposição do tema.

Referências bibliográficas

CONVERSE, Philip. The Nature of Belief Systems in Mass Publics. **Critical Review**, V. 18, Iss. 1-3, 2006. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/08913810608443650>>. Acesso em 28 ago. 2015.

COUTINHO, João Pereira. **O conservadorismo é uma ideologia?** Disponível em: <<http://www.brunogarschagen.com/2013/08/o-conservadorismo-e-uma-ideologia.html>>. Acesso em 28 ago. 2015.

HICKS, Stephen. **Podemos culpar Keynes pelo keynesianismo?** Disponível em: <<http://www.libertarianismo.org/index.php/artigos/podemos-culpar-keynes-keynesianismo/>>. Acesso em 26 ago. 2015.

KIRK, Russel. **Três Pilares da Ordem: Edmund Burke, Samuel Johnson, Adam Smith.** Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/12607-tres-pilares-da-ordem-edmund-burke-samuel-johnson-adam-smith.html>>. Acesso em 26 ago. 2015.

KNIGHT, Kathleen. Transformations of the concept of ideology in the Twentieth Century. **American Political Science Review**. Edição 4, nov. 2006.

MARTIN, Douglas. William F. Buckley Jr. Is Dead at 82. **The New York Times**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/02/27/business/media/27cnd-buckley.html?pagewanted=all>>. Acesso em 14 jan. 2015.

SARTORI, Giovanni. **Politics, Ideology and Belief Systems**. Institute International de Philosophie Politique. Chatillon: junho 1967.

SPING-ANDERSEN, Gosta. **As três economias políticas do Welfare State**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451991000200006>. Acesso em 26 ago. 2015.

TEIXEIRA, Carlos Gustavo Poggio. **O pensamento neoconservador em política externa nos Estados Unidos**. 2007. 127 f. Dissertação (mestrado em Relações Internacionais) – PUC SP – Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, São Paulo, 2007.

VIDAL, Camila Feix. **O Movimento Conservador NorteAmericano da Década de 1950 e a Percepção Conservadora a Respeito da Sociedade, Economia e Política Externa**. Disponível em: <<http://ser.ufs.br/index.php/tomo/article/view2112>>. Acesso em 28 ago. 2015.